

Prefácio: As asas de Eros¹

João de Mancelos
(Universidade da Beira Interior)

Palavras-chave: Poesia contemporânea, Joaquim Monteiro, escrita criativa, intertextualidade

Keywords: Contemporary poetry, Joaquim Monteiro, creative writing, intertextuality

1. O apocalipse do amor

Ainda será possível escrever poemas de amor? Quem folhear a maioria dos livros publicados nas duas últimas décadas não deixará de reparar que as composições sobre o tema surgem marcadas pelo desencanto, o cinismo, a incomunicabilidade entre o eu e o outro. Tal poesia enfatiza a descrença nos afetos mais fundos e sublinha a irremediável fratura entre os amantes, como se não houvesse qualquer redenção ou entendimento possível.

Segundo o filósofo Byung-Chul Han, em *A agonia de Eros*, a sociedade e a arte reduziram o amor humano à mera exsudação de dois corpos enlaçados no desejo; obliteraram o espaço para a vivência afetiva a dois; reduziram o par a um prolongamento narcisístico do eu. Perante tal cenário, verdadeiro apocalipse do amor, pergunto-me se a poesia que celebra o *nós* não será ainda mais urgente.

Alguns ensaístas argumentam que, no início deste milénio, a lírica amorosa se esgotou em lugares-comuns e soçobrou na irrelevância, cada verso conduzindo a uma sensação de *déjà vu* ou *déjà lu*. É verdade que todos os poemas já foram escritos e nenhuma história deixou de ser vozeada, como recorda Raymond Federman, no ensaio *A imaginação como plágio*. No entanto, não é menos certo que cada homem e mulher tem dentro de si um livro e, porque se trata um indivíduo único, uma forma própria de o escrever.

Para tanto, há que contemplar a realidade de novo, com os olhos de um recém-nascido, retirar-lhe a pele, libertá-la de camadas de símbolos, metáforas e imagens gastas, das visões de outros escritores, para reencontrar a sua essência e descobrir novas formas de a poetar. Trata-se de um labor de *descrição*, como afirmou o poeta modernista Wallace Stevens, em *O anjo necessário*, feito com recurso ao poder imaginativo e à voz única que cada artista, se for talentoso, possui.

¹ Mancelos, João de. "Prefácio: As asas de Eros". *A Luz do Corpo*, de Joaquim Monteiro. Lisboa: Modocromia, 2017. 7-11. ISBN: 978-989-999-49-59.

Neste sentido, Maria Teresa Horta, Isabel Cristina Pires ou Adélia Prado procuram escrever de um modo *diferente* o amor. Outros, como Sophia Andresen, Casimiro de Brito ou Joaquim Monteiro, enlaçam a sua poesia na teia imemorial da tradição, sobretudo greco-latina ou asiática, não para a imitarem, mas com o objetivo de a *recriarem*. Em ambos os casos, constroem uma polifonia inerente às inúmeras estéticas que marcam a contemporaneidade. O resultado é o renovamento da poesia de amor, tema imemorial e arquetípico.

2. O lento ofício do amor

Ler o volume que o leitor segura nas mãos assemelha-se a reencontrar um velho amigo, porque *A luz do corpo, seguido de O difícil ofício* se enraíza nos motivos e estilo a que Joaquim Monteiro nos habituou, ao longo de uma obra profícua e talentosa. Tematicamente, o título deste volume resume o espírito dos poemas aqui coligidos: a exaltação do amor erótico, numa atmosfera de “incontida alegria”, sem margem para a culpa, à maneira de Walt Whitman, Fernando Pessoa ou Eugénio de Andrade, entre outros nomes maiores das letras universais.

“És o poema” constitui uma das composições que melhor ilustra este aspeto: “És um poema escrito / no mais imaculado leito / do desejo. // Ler-te, é viajar pelo interior, / perscrutar as mais secretas / vibrações do sol. / Sentir a liquidez do fogo / no mais fundo de um olhar / suplicante. // Descobrir a construção silábica / do ventre. / Intuir a forma de decifrar / o mistério, / a alegria desmedida, pujante, / de um poema vivo. // Depois soçobrar / a cada estrofe do poema / e, exausto, / vê-lo arder sob os lábios”.

Nem só o erotismo permeia as páginas desta obra. Monteiro trabalha laboriosamente todos os cambiantes do amor, na sua ínfima complexidade: o clássico elogio da amada em “Tudo é pouco para te enumerar”; a ternura em “Um certo pudor”; a melancolia em “Outonal”; ou a devoção e fé em “Mulher sentada em joelhos luminosos”.

Para além deste, outro tema marca presença em *A luz do corpo*, na última secção do livro, intitulada “O difícil ofício”. Trata-se de uma reflexão metapoética acerca da arte da escrita, do abismo entre a coisa e o termo, da febre da inspiração e da premência de trabalhar cada texto, em busca da palavra perfeita, “le mot juste”, como lhe chamava o romancista Gustave Flaubert.

Tal esforço laborioso é comum a todos os grandes escritores: Emily Dickinson assemelhava o poeta a uma laboriosa aranha, urdindo as suas composições, com desvelo; Miguel Torga e o Prémio Nobel irlandês Seamus Heaney compararam-se a agricultores, procurando escavar a alma humana como quem remexe o húmus; por fim, Eugénio de Andrade via-se como um artesão obstinado e rigoroso.

No belo e expressivo texto que dá título à secção, Monteiro descreve a dificuldade da arte da escrita: “Não sabemos até que ponto / o poder da mente nos transforma. / Até que ponto a opacidade / se transforma em transparência. // E tudo fica mais claro ao olhar dos dedos / à difícil e subtil lâmina sobre a pele / transcrevendo o sonho no branco da loucura. / O arco com que a voz do silêncio retesa a fala. // Entre a febre e o delírio a palavra nasce. / Não tenho outra maneira de amar o deserto / o difícil ofício de transformar o nada”.

A luz do corpo constitui também uma homenagem — ora lúcida, ora apaixonada; algumas vezes consciente, outras, discreta —, aos diversos autores que ajudaram a construir Monteiro como poeta. Nestas páginas, rumorejam as vozes de figuras “fortes” das letras, na terminologia de Harold Bloom, com destaque para Eugénio de Andrade, a quem o livro é dedicado. A presença deste é notória na temática do amor, em geral, e na importação de termos típicos do seu discurso, em particular. Refiro-me a palavras-chave do idioleto eugeniano, como “cintura”, “ardor”, “chama” ou “lume”, empregues para descrever as experiências da sensualidade. Contudo, Monteiro não se limita a seguir, passivamente, o legado do autor de *As mãos e os frutos*. Antes o absorve, de modo criativo e com engenho, para tornar seu o que é alheio, e transmutá-lo através de uma visão singular e renovadora.

Não surpreende que um poeta seja permeável ao magnetismo de outro já estabelecido, sobretudo se admira a sua obra. Foi Eugénio que argumentou: “cada artista tem a sua árvore genealógica, se não estiver enganado de pai ou de mãe. Mas em coisas de arte não se trata apenas de herdar uma das múltiplas tradições, trata-se sobretudo de a enriquecer. O poeta recebe, é certo, mas também dá, numa reciprocidade total. E ao inserir-se numa tradição, (...) prosseguindo-a, ou renovando-a, ou transgredindo-a, o poeta torna-se responsável perante a sua língua por essa coisa cada vez mais rara: a transparência do mundo”.

No belíssimo texto “Alexandria”, Monteiro reconhece a tradição em que se integra, invocando os espíritos do passado e suplicando algo que não está longe do engenho e arte camonianos: “Espíritos que voais no infinito / trouxe até mim o esplendor da beleza / num dia incendiada no fulgor do pensamento, / para que eu possa beber toda a poesia, / e decifrar no fogo a sabedoria dos espelhos, / antes que tresloucada ave desenhe incompleto voo”.

É impossível referir a poesia deste autor sem mencionar a sua musicalidade, que ressuma tanto na docilidade encantatória do ritmo, como no vocabulário escolhido, onde predominam sons vocálicos e alegres, apropriados à celebração do amor. Esta mistura só é verdadeiramente apreciável quando se lê em voz alta as composições que integram *A luz do corpo*, como sucede em “Água da música”: “De noite um charco de luz / surpreende-me. // Num galho o rouxinol faz / o que mais gosta. / E tu de lábios entreabertos / procuras a redenção. // Ó lua vadia / entre o teu peito e o meu / é que a água da musica / se entrelaça”.

Monteiro encontra-se ciente das ligações entre a palavra poética e a música e, não raras vezes, esta última surge mencionada através de termos pertencentes ao mesmo campo semântico: “melodia”, “canto”, “voz”, “murmúrio”, “sussurro”, “rumor”, “sons”, “ciciar” e também “silêncio” e “emudecer”.

3. Dizer o amor em tempos de ruído

Se deixar de existir um espaço para a poesia de amor, um tema quintessencial, haverá futuro para a arte das letras? Numa entrevista ao suplemento *Ípsilon*, do jornal *Público* (2 de novembro de 2017), o romancista brasileiro Milton Hatoum lamenta que a literatura esteja a viver o seu “delicado crepúsculo” — e eu não poderia concordar mais. Implodimos na ignorância, na estupidez, no superficial. Sinais de uma época em que a velocidade substituiu a paciência; o imediatismo, o pensamento; a lassidão, o esforço. Nunca se falou e escreveu tanto — nas redes sociais e na blogosfera —, e paradoxalmente nunca se *disse* tão pouco. Babel cumpriu-se da forma mais retorcida: entendemo-nos, mas nada temos para comunicar.

É altura de nos afastarmos do ruído para regressarmos ao *essencial*, que só o recolhimento proporciona; ao que apenas se segreda entre dois amantes; a tudo quanto cabe entre um verso e o leitor; à paixão eufórica pelo outro, que o talento de Monteiro agora nos oferece.

Resumo

Neste prefácio, analiso brevemente o livro de poemas *A luz do corpo*, de Joaquim Monteiro, centrando-me em aspetos como o papel do erotismo na poesia contemporânea, os meandros da criação literária e da metapoética, a intertextualidade com a obra de Eugénio de Andrade, e a premência da música.